

A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista

The dynamics of social meaning in grammaticalization:
challenges for a sociofunctionalist approach

La dinámica del significado social en la gramaticalización:
desafíos para un enfoque sociofuncionalista

Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Brasil)
edagorski@hotmail.com.
<https://orcid.org/0000-0002-0797-1243>

Carla Regina Marins Valle

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Brasil)
carla.valle@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0003-1854-915X>

RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é propor uma reflexão sobre a dimensão social na gramaticalização com foco na dinâmica do significado social, a partir de uma aproximação entre (i) gramaticalização e variação (via função interpessoal da linguagem); e (ii) domínio funcional e domínio social. Considerando que mudanças na sociedade (envolvendo papéis sociais dos sujeitos, mídias digitais, globalização etc.) têm impactos na língua, sugerimos que novos arranjos sociais podem atuar como forças motrizes para movimentos de gramaticalização entendida como extensão de funções. Nessa perspectiva, focalizamos o papel dos jovens, da comunicação mediada por mídias digitais e das práticas midiáticas na inovação e difusão de usos que indexalizam

* Sobre as autoras ver página 207.

valores sociossimbólicos e identitários, e salientamos a pertinência de estudos sociofuncionalistas voltarem mais a atenção para o componente social.

PALAVRAS-CHAVE: Sociofuncionalismo; Gramaticalização; Significado social; Mídias digitais. Jovens.

ABSTRACT

This article aims to propose a discussion on the social dimension in grammaticalization with focus on the dynamics of social meaning, connecting (i) grammaticalization and variation (through the interpersonal function of language); and (ii) functional domain and social domain. Considering that changes in society (involving individuals' social roles, digital media, globalization etc.) have impact on the language, we suggest that new social arrangements may act as driving forces for grammaticalization movements as extension of functions. In this perspective, we focus on the role of young people, on the communication mediated in digital media and on the mediatized practices in innovation and diffusion of uses that index socio-symbolic and identity values, and stress the relevance of sociofunctional studies to pay more attention to the social component.

KEYWORDS: Sociofunctionalism; Grammaticalization; Social meaning; Digital media; Young people.

RESUMEN

Nuestro objetivo en este artículo es proponer una reflexión sobre la dimensión social en la gramaticalización con atención para la dinámica del significado social, a partir de una aproximación entre (i) gramaticalización y variación (a través de la función interpersonal del lenguaje); y (ii) dominio funcional y dominio social. Teniendo en cuenta que los cambios en la sociedad (en relación a roles sociales de los sujetos, medios digitales, globalización etc.) repercuten en el lenguaje, sugerimos que los nuevos arreglos sociales pueden actuar como motores de movimientos de gramaticalización vista como extensión de funciones. En esta perspectiva, nos centramos en el papel de los jóvenes, en la comunicación mediada a través de los medios digitales y en las prácticas mediatizadas en la innovación y difusión de usos que indexan valores socio-simbólicos e identitarios, y sugerimos que los estudios sociofuncionales deban centrar más la atención en el componente social.

PALABRAS-CLAVE: Sociofuncionalismo; Gramaticalización; Significado social; Medios digitales. Jóvenes.

1 Introdução

No artigo “Questões teórico-metodológicas da sociolinguística em interface com o gerativismo e o funcionalismo linguísticos e o ensino de língua portuguesa”, produzido no âmbito do GT de Sociolinguístico da ANPOLL, Görski e Martins (a sair) colocam como desafios para a interface

sociofuncionalista – que articula pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo de vertente norte-americana – as seguintes tarefas:

(i) investir na construção de variáveis independentes complexas, de modo a captar o caráter multidimensional e gradiente dos fenômenos linguísticos em variação e mudança; (ii) *explorar – para além de fenômenos variáveis de natureza discursiva e de condicionadores funcionais e da convergência entre gramaticalização e variação no âmbito de um domínio funcional – o componente social da Sociolinguística, de modo a articular as diferentes camadas do significado social, incluindo aspectos estilísticos e identitários, com o componente funcional;* (iii) continuar expandindo o olhar funcional – para gramática de construções, por exemplo –, articulado não somente à variação, mas também a diferentes tipos de condicionadores sociais; (iv) ampliar e sistematizar as contribuições de uma abordagem sociofuncionalista para o ensino (GÖRSKI; MARTINS, a sair; grifo acrescido).

A esses desafios, como desdobramento de (ii), acrescentamos agora: *buscar desvelar a dinâmica do significado social na gramaticalização*. Este é o ponto principal das reflexões apresentadas neste artigo. Antes de apresentarmos as seções que compõem o texto, expomos, a título de contextualização, um breve apanhado geral sobre o fazer sociofuncionalista.

O Sociofuncionalismo, entendido aqui como uma articulação entre a Sociolinguística Variacionista/Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo de vertente norte-americana, contempla fenômenos em variação e fenômenos em mudança linguística, considerando, na relação entre forma e função, que a primeira é a variável dependente e a segunda, equivalendo basicamente a significação semântico-pragmático-discursiva, é a variável independente, no sentido de que a função condiciona e explica a forma (cf. NARO; VOTRE, 1992). Inúmeros são os trabalhos desenvolvidos sob essa orientação teórica, transitando por fenômenos gramaticais variáveis de diferentes níveis e explorando condicionadores funcionais de diversos tipos, inclusive fatores sociais, notadamente aqueles que correspondem a macrocategorias (sexo/gênero, escolaridade, faixa etária). Além disso, também sob o escopo sociofuncionalista, há estudos que expandem o olhar para aspectos de ordem estilística, considerando gêneros textuais/discursivos, seja como o *locus* em que se dá a seleção da amostra e a delimitação do fenômeno analisado, seja como fatores condicionadores. Podemos considerar que uma análise que se situe no escopo dessa descrição geral é um tipo de prática que podemos chamar de sociofuncionalista clássica – no sentido de que se trata do tipo de abordagem que orientou os primeiros trabalhos desenvolvidos no projeto PEUL/UFRJ desde a década de 1980 – e que continua frutífera ainda hoje com aportes teórico-metodológicos cada vez mais elaborados. Não vamos nos deter em explanação desse tipo de prática analítica, uma vez que

dispomos de um sem-número de publicações de ampla circulação a esse respeito.

Outro tipo de abordagem sociofuncionalista se volta para a aproximação entre gramaticalização e variação, especialmente quando entram em cena noções de multifuncionalidade e de domínio funcional, aspectos socioestilísticos para além de gêneros discursivos, entre outras noções de natureza discursiva. A articulação teórico-metodológica entre gramaticalização e variação, esboçada inicialmente no Brasil por Naro e Braga (2000), recebeu uma sistematização robusta nos trabalhos de Tavares (1999; 2003) sobre o estudo de conectores sequenciadores. Nessa perspectiva, o fenômeno variável é circunscrito dentro de um domínio funcional, sendo visto como formado por camadas sincronicamente estratificadas que coexistem e que resultam de mudança(s) via gramaticalização, envolvendo tanto alterações de uma forma como formas distintas (cf. princípio de estratificação de Hopper (1991)).¹ Uma aproximação entre gramaticalização e uma abordagem evolutiva da língua é proposta por Freitag (2007), analisando categorias verbais, mais especificamente a expressão do passado imperfectivo. Valle (2014) adiciona nessa interface aspectos estilísticos e identitários, estudando marcadores discursivos (MDs) interacionais. Bragança (2017) propõe uma articulação entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico, a partir de reflexões sobre a expressão do tempo futuro do presente. Além disso, Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017), entre outros, também avançam apresentando discussões teórico-metodológicas mais refinadas acerca desse tipo de interface. Naturalmente condicionadores funcionais e sociais também são considerados.

Como podemos perceber, o Sociofuncionalismo tem se mostrado um campo bastante fértil e multifacetado ao longo dos anos, e está longe de se mostrar uma abordagem ultrapassada, como bem atestam os trabalhos que compõem este volume temático. Algumas facetas desse campo integrado, buscando colocar mais luz na dimensão social da interface, são abordadas nas seções a seguir: a primeira expõe uma aproximação entre gramaticalização e variação via função interpessoal da linguagem; a segunda delinea uma aproximação entre os domínios funcional e social; e a terceira aborda a dimensão social na gramaticalização, com discussões em torno dos desafios sinalizados no título deste artigo, contemplando o papel dos jovens e das mídias digitais na mudança.

¹ Poplack (2011) e Torres Cacoullos (2011) defendem esse tipo de articulação a partir de um olhar sociolinguístico.

2 Gramaticalização e variação: uma aproximação via função interpessoal da linguagem

Gramaticalização é um tipo de mudança linguística que pode ser abordada a partir de (i) diferentes perspectivas – diacrônica e/ou sincrônica, lexical/etimológica e/ou discursiva/textual –, envolvendo fenômenos de diversos níveis e em estágios distintos de mudança; e (ii) diferentes motivações: internas – de natureza cognitiva e/ou estrutural; externas – de natureza comunicativa e/ou social; e motivações integradas ou mesmo em competição. A combinação de perspectivas e de motivações é defendida por muitos estudiosos, como Traugott, por exemplo, e assumida por nós também. Segundo essa autora, o ponto de partida para uma inovação se dá na interação falante-ouvinte mediante interpretação de significados subjetivos induzida por implicaturas conversacionais, ou inferências sugeridas (mecanismo pragmático); uma vez que se tornam salientas, essas implicaturas se difundem num grupo ou comunidade (mecanismo social) e se convencionalizam por reanálise semântica (mecanismo interno) (TRAUGOTT, 2010). Nota-se que nessa formulação *a interação falante-ouvinte é caracterizada como mecanismo pragmático e o mecanismo social diz respeito à difusão de um uso na comunidade*. É importante acentuar esse ponto, pois é central nas reflexões desenvolvidas adiante.

Os estudos em gramaticalização podem colocar foco no ouvinte – ganhando evidência a reanálise correlacionada com mudanças morfossintáticas; e/ou no falante – ganhando relevo ou o uso expressivo da linguagem com enriquecimento pragmático especialmente de itens lexicais em estágios iniciais de gramaticalização, ou a tendência do falante de economizar, o que tem relação com frequência e rotinização de usos que vão se desprendendo da dependência do contexto (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2003). É nas experiências linguísticas dos indivíduos em situações de comunicação que se firmam os usos rotinizados que vão moldando e remoldando a gramática (BYBEE, 2006) e tornando arbitrária a relação originariamente icônica entre formas e funções (GIVÓN, 2002).

Naturalmente, esses olhares não são excludentes e nem polarizados, pois a mudança é gradual e a gramaticalização pode ser observada em estágios ainda incipientes, ou em andamento, ou concluída (o que não significa permanentemente fixada). O conflito entre a criatividade e a rotinização de usos configura um tipo de motivações em competição que envolvem os princípios da iconicidade e da economia, respectivamente. Nesse sentido Givón afirma:

O balanço na gramática entre iconicidade e arbitrariedade é um *compromisso adaptativo* clássico entre pressões funcionais conflitantes. Na gramaticalização, ganha-se rapidez de processamento via automatismo,

enquanto se perde uma certa porção de transparência do código, via aumento da arbitrariedade. (GIVÓN, 2001, p. 36)²

Esses princípios subjazem à definição de gramaticalização de Hopper e Traugott (2003, p. 232): “a mudança pela qual itens lexicais e construções passam em certos contextos a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”³. Ao colocarem foco na “mudança” linguística, que é vista pelos autores como um fenômeno social, põem em tela os falantes, pois são eles que impulsionam as mudanças; ao considerarem formas “gramaticalizadas”, deixam implícita a rotinização; ao salientarem o desenvolvimento de “novas funções gramaticais”, não só contemplam a criatividade do falante, mas também sinalizam que não se trata necessariamente de funções *mais* gramaticais. Além disso, iluminam o papel do “contexto”, uma vez que a mudança é gradual e se espalha por diferentes tipos de contextos. É essa definição de gramaticalização que assumimos neste artigo.

A abordagem da gramaticalização requer uma clara concepção de gramática e de quais elementos se situam sob seu escopo. A definição apresentada acima converge com a concepção funcionalista de língua e de gramática de Givón (2001; 2018), segundo a qual

(i) a língua desempenha duas funções principais: de representação mental e de comunicação do conhecimento/experiência; (ii) o sistema de representação mental recobre o léxico conceptual, a semântica proposicional e o discurso multiproposicional (ou a pragmática discursiva), que correspondem a três “megadomínios” funcionais da linguagem – palavras, proposições e discurso; e (iii) a gramática codifica, articuladamente, os níveis da semântica proposicional e da pragmática discursiva, e seu escopo recai “predominantemente sobre as relações de coerência entre a proposição (oração) e o contexto comunicativo mais amplo, seja o texto corrente, seja a situação de fala face a face e, nesta última, a interação falante-ouvinte”⁴ (GIVÓN, 2018, p. 35). Nessa visão alargada, portanto, a gramática envolve além do nível estritamente estrutural também o nível semântico-pragmático. (GÖRSKI, 2020, p. 134).

² No original: “The balance in grammar between iconicity and arbitrariness is, once again, a classical *adaptive compromise* between conflicting functional pressures. In grammaticalization, one gains processing speed via automaticity, while giving up a certain portion of code transparency, via increased arbitrariness.”

³ No original: “the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions”.

⁴ No original: “[...] predominantly about the coherence relations between the proposition (clause) and the wider communicative context, be it the current text, the face-to-face speech situation and, within the latter, the speaker-hearer interaction.”

Além das duas funções consideradas principais – de representação mental e de comunicação do conhecimento/experiência –, Givón (1993) menciona outras funções metacomunicativas, dentre as quais a *função de coesão sociocultural*, que sinaliza a união e a identidade do grupo, e a *função afetiva/interpessoal*, que expressa diferentes tipos de relação entre os membros do grupo. Consideramos que tanto a função de representação mental/comunicação (que agrega as dimensões cognitiva e comunicativa) como as funções afetiva/interpessoal e de coesão sociocultural são igualmente importantes e têm papel significativo na configuração da gramática, vista como emergente, dinâmica e adaptativa, num balanço permanente entre estrutura e função. Essa perspectiva abriga no escopo da gramática também categorias de natureza interpessoal e textual que exibem uma dimensão gramatical, como é o caso dos *marcadores discursivos* – elementos que desempenham funções gramaticais ao “relacionar um enunciado à situação do discurso, mais especificamente à interação falante-ouvinte, às atitudes do falante e/ou à organização de textos”⁵ (HEINE, 2013, p. 1211).

Na perspectiva de gramaticalização à qual se alinha este artigo, a mudança é entendida como motivada por práticas discursivas, nas quais os falantes se engajam com propósitos sociais específicos (TRAUGOTT, 2002). É nas práticas discursivas que se dão as negociações de significado entre os interlocutores. Uma inovação individual produzida expressivamente – seja para manifestar atitudes subjetivas do falante, seja para oferecer informações adicionais ao ouvinte – tem sua frequência de uso aumentada gradualmente “entre os *tipos, estilos e gêneros* linguísticos, bem como entre os *falantes*” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 232; grifo acrescido)⁶. Esse espriamento de usos tem relação com um dos parâmetros de gramaticalização propostos por Heine e Kuteva (2007) – a *extensão* –, que diz respeito à emergência de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são estendidas a novos contextos.⁷ Esse parâmetro recobre ganhos semântico-pragmáticos e tem a ver com a multifuncionalidade dos itens, dimensão contemplada na chamada *gramaticalização como expansão*, em contraste com a gramaticalização como redução, que é relacionada a perdas (TRAUGOTT, 2010).

É na gramaticalização como expansão que a participação ativa dos interlocutores ganha destaque. Focando os ganhos, Himmelmann (2004)

⁵ No original: “The main function of DMs is to relate an utterance to the situation of discourse, more specifically to speaker–hearer interaction, speaker attitudes, and/or the organization of texts.”

⁶ No original: “the frequency with which the new structure is used increases gradually across linguistic types, styles and genres, and speakers”.

⁷ Os outros parâmetros propostos por Heine e Kuteva (2007) são: dessemantização – perda (ou generalização) em conteúdo de significado; descategorização – perda em propriedades morfosintáticas; e erosão – redução fonética. Os três tratam de perdas nos níveis semântico, morfosintático e fonológico, respectivamente.

propõe que as mudanças se acomodam, em alguma medida, aos seguintes critérios: (i) expansão de classe hospedeira – incluindo entidades discursivas; (ii) expansão sintática – ampliando o escopo estrutural; e (iii) expansão semântico-pragmática – contemplando a multifuncionalidade.

No lado sociolinguístico, Labov (2010) evoca as funções tripartites da linguagem – representativa ou representacional, expressiva e apelativa ou diretiva –, estabelecendo um contraste entre, de um lado, a função representacional, que remete ao significado referencial; e, de outro lado, a função social, que recobre a expressiva (concernente à identificação do falante) e a diretiva (relativa à acomodação ao ouvinte, com adequação ao grau de distância social, polidez e deferência, troca de estilo e *audience design*). Essas funções centradas nos interlocutores estão relacionadas com a variação estilística e social.

Labov (2003) reconhece (i) que a identificação do falante pode se dar pela medição de status atribuído (filiação étnica e religiosa, casta, sexo/gênero, família etc.) e de status adquirido (educação, renda, profissão e, possivelmente, *pertencimento a grupos de pares*) – a que Labov (2010) acrescenta ainda *estado emocional do falante e identidade local*; e (ii) que as alternâncias estilísticas são motivadas a) pelas relações do falante com o ouvinte ou a audiência no contexto imediato do ato de fala (envolvendo relações de poder e solidariedade); b) pelo contexto social mais amplo – os domínios da escola, emprego, casa, vizinhança, igreja etc.; e c) pelo tópico. Não obstante, por razões metodológicas, prioriza em seus trabalhos a variação social associada à estratificação do falante – notadamente os fatores gênero e classe social – para explicar a difusão da mudança linguística; e restringe o estudo da variação estilística ao escopo da entrevista sociolinguística, relacionando-a a graus de formalidade decorrentes da atenção prestada à fala, sem contemplar as relações estabelecidas entre os participantes de um evento comunicativo, bem como fatores contextuais mais amplos. (GÖRSKI; VALLE, 2014; 2020).

Acreditamos, porém, que as restrições apontadas quanto ao controle do papel dos interlocutores numa situação de entrevista podem ser metodologicamente contornadas. Görski e Valle (2020), ao tratarem da dimensão interpessoal da linguagem na variação e na gramaticalização, apresentam dois artefatos metodológicos voltados à análise da dimensão interpessoal, que foram desenvolvidos por Valle (2014), aplicando-os a um fenômeno em variação e gramaticalização (os marcadores discursivos *sabe?* e *entende?*) a partir de amostra coletada em entrevistas sociolinguísticas. Por limitação de espaço, não detalhamos esses procedimentos analíticos aqui, mas deixamos a referência para os leitores interessados.

3 Uma aproximação entre o domínio funcional e o domínio social

Na abordagem funcionalista, domínio funcional corresponde, *grasso modo*, à função comunicativa que é codificada pela gramática, cujos limites

podem ser rearranjados “por mudança diacrônica, pela criatividade do falante ou por variação dialetal”⁸ (GIVÓN, 1984, p. 37). Essa é uma noção que permeia fortemente a obra givoniana e aparece na formulação do princípio da estratificação (HOPPER, 1991), como já mencionado. A ideia de domínio funcional está presente na correlação entre formas e funções e seus deslizamentos ao longo do tempo – seja por desgaste fonético do código (forma), seja por expansão polissêmica (função) –, os quais desestabilizam a relação biunívoca forma-função podendo levar à multifuncionalidade (uma forma e mais de uma função) ou à variação (mais de uma forma e uma função).⁹

O foco de interesse aqui é o conceito de *domínio funcional*. O trecho a seguir sintetiza esse conceito.

Os domínios funcionais são multidimensionais, inter-relacionados e escalares, e os pontos de codificação que os constituem também apresentam limites fluidos [...]. Devido a seu caráter superordenado, um grande domínio que recobre áreas funcionais gerais (macrodomínio) frequentemente se subdivide em subdomínios (ou microdomínios) que se intersectam e interagem, sendo que em qualquer desses níveis hierárquicos podem se sobrepor parcialmente. Assim, tanto o domínio funcional como as camadas que o constituem distribuem-se num *continuum* e, a depender do foco da lente do analista, o domínio funcional considerado vai ser mais abrangente ou mais restrito. (Görski & Tavares, 2017). As camadas que codificam um dado domínio podem resultar de trajetórias a partir de domínios fonte funcionalmente similares (Givón, 2002), bem como de diferentes fontes lexicais e diferentes histórias na língua (Tagliamonte & D’arcy, 2009) (GÖRSKI; VALLE; AMARAL, inédito).

O caráter *multidimensional* e *multicamadas* do domínio funcional também está presente no *domínio social*, que abarca os *significados sociais potencialmente expressos pelas variáveis* e que compõem a dimensão sociolinguística da significação (ao lado da dimensão semântica e da pragmática) (ECKERT, 2019). Diferentemente da noção de domínio funcional, que está bem estabelecida na literatura funcionalista, a noção de domínio social tal como aqui apresentada é elaborada no trabalho de Görski, Valle e Amaral (inédito) – do qual estamos nos valendo –, com base em estudos alinhados à terceira onda variacionista, que aproximam Sociolinguística e Antropologia Linguística

⁸ No original: “in terms of diachronic change, individual creativity or dialect variation”.

⁹ Uma discussão mais aprofundada sobre domínio funcional pode ser conferida em Görski e Tavares (2017), trabalho em que as autoras tratam do recorte do objeto de análise na interface entre gramaticalização e variação, pontuando em que situação um domínio funcional pode corresponder a uma variável linguística, e as camadas que o constituem podem equivaler a formas variantes.

(ECKERT, 2012; 2016; 2018; 2019; KIESLING, 2013; SILVERSTEIN, 2003; entre outros).

Nessa ótica, os significados sociais são vistos como dinâmicos, múltiplos e fluidos, sendo continuamente (re)construídos nas práticas discursivas. Os significados sociais estão intimamente associados à noção de identidade e, nesse sentido, refletem o modo como os sujeitos se identificam e são identificados no mundo social. E aqui entra a ideia de multicamadas: a identidade transita entre categorias macrosociais (sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, classe social), sociodemográficas (raça/etnia, local de origem), categorias estabelecidas localmente (filiação e pertencimento a grupos sociais) ou individualmente (posturas, construção de personas) – todas atravessadas, em alguma medida, por aspectos ideológicos e culturais mais amplos (KIESLING, 2013). Apesar de serem dinâmicos e fluidos, os significados sociais são também convencionalizados em alguma medida, em razão da recorrência de usos que converte inovações em hábitos. Essa estabilidade, no entanto, pode ser transitória uma vez que velhos usos podem sempre ser ressignificados pela agência dos sujeitos nas práticas discursivas. Naturalmente o balanço entre agência e hábito é mediado pelo grau de consciência que os sujeitos têm dos usos linguísticos e dos valores que indexalizam. Quando há um alto grau de consciência social, atos de identidade que sinalizam alinhamento com valores de grupo, por exemplo, podem ser mais facilmente associados com certas variáveis, o que já não fica tão evidente se as variáveis se situam abaixo do nível de percepção consciente.

Labov (2010) também lança mão, mesmo que indiretamente, da ideia de multicamadas. Tratando das forças motrizes da mudança, o autor expande para além das *categorias macrosociais* (gênero, faixa etária, classe social) o leque de fatores que considera relevantes, fazendo uma distinção entre fatores sociais e fatores culturais. Entre os primeiros, cita bairro, etnia, rede social e comunidades de prática, salientando que estão diretamente relacionados com os efeitos da *interação linguística entre membros de grupos sociais específicos*. Já os fatores culturais, segundo o autor, dizem respeito a padrões sociais mais amplos que transcendem o comportamento individual e de pequenos grupos, sendo praticamente independentes da interação face a face; abrangem *aspectos econômicos, políticos, ideológicos*. Em outras palavras, no amplo escopo dos fatores sociais, Labov situa em plano de fundo os chamados fatores culturais e num plano mais localizado os fatores que contextualizam a interação no grupo, além dos fatores macrosociais.

Um aspecto importante na noção de domínio social é que os potenciais significados que aderem às diferentes camadas não se apresentam numa configuração hierarquizada rígida na direção macro > micro – passando por todas as camadas correspondentes a macrocategorias, categorias de grupo e categorias individuais – ou na direção micro > macro. As relações entre as camadas de significado social se dão dialeticamente. Consideramos, pois, que o domínio social

é amplo, múltiplo e dinâmico e abriga diferentes camadas de significado social que podem coexistir, se sobrepor, se articular e se organizar de forma dialética. Esse design de domínio social abriga ainda a ideia de gradiência de agentividade, que pode envolver mais/menos agência e isso está correlacionado ao fato de as variáveis indexalizarem significados mais/menos individuais. A ideia de camadas e de gradiência remete tanto a ordens de indexicalidade de significados sociais (Silverstein, 2003), como a construção de identidades que integra, dialeticamente, níveis globais, locais e individuais (Kiesling, 2013) (GÖRSKI; VALLE; AMARAL, inédito).

Görski, Valle e Amaral (inédito) ilustram a articulação entre os domínios social e funcional – que resulta num *domínio sociofuncional* –, aplicando essas noções ao uso dos marcadores discursivos *sabe?* e *entende?*, com base na análise realizada por Valle (2014) em amostra de uma comunidade de fala florianopolitana; e ao uso do segmento *-ste* agregado a bases verbais e não verbais, a partir da análise realizada por Amaral (2020) em amostra de uma comunidade de prática virtual, em página criada por um humorista manauara (cf. retomado adiante).

Também nessa direção, em relação a amostras de análise, vale pontuar o que Guy e Zilles (2007, p. 110-111; grifos no original) sinalizam no que tange à pesquisa sociolinguística: (i) “os critérios de constituição da amostra devem ser estabelecidos a partir de uma *teoria social*, ou seja, de uma concepção explícita de sociedade que seja adequada à realidade que queremos estudar”; e (ii) a concepção de “*identidade* como sendo dinâmica, multifacetada e constantemente construída nas interações sociais” leva à importância de se “definir a amostra a partir do estudo etnográfico, histórico e antropológico das comunidades”.

4 A dimensão social na gramaticalização

Como mencionado nas seções precedentes, (i) o caráter interpessoal das interações face a face está associado, nos estudos de gramaticalização, basicamente a significados semântico-pragmáticos, e nos estudos de variação, a significados socioestilísticos; e (ii) o domínio funcional e o domínio social, que são constitutivos da linguagem, podem se articular, em diferentes graus, a depender dos fenômenos linguísticos em tela, do quão indexalizam significados sociais diversos e do nível de consciência dos sujeitos em relação aos usos em questão. Nesta seção, avançamos no sentido de buscar desvelar

alguma relação entre significados sociais multicamadas e gramaticalização, a que estamos denominando *dinâmica do significado social na gramaticalização*.¹⁰

Antes de entrarmos no cerne da discussão acerca desse tópico, rastreamos alguns textos de referência sobre gramaticalização, buscando algum indicativo acerca de significado social ou algo aproximado. O parâmetro *extensão*, proposto por Heine e Kuteva (2007), envolve um *componente sociolinguístico* que, segundo os autores, atua ao lado de um componente pragmático-textual e de outro semântico. O componente sociolinguístico tem a ver com *difusão* de uma mudança: a gramaticalização começa com um ato individual de inovação, por um falante ou um pequeno grupo, que cria um novo uso para uma forma já existente; essa inovação passa a ser adotada por outros falantes, podendo se difundir para uma comunidade inteira. O ritmo da gramaticalização vai depender do contexto linguístico e sociolinguístico em que ocorre, ou seja, depende de “*condições sociolinguísticas para a gramaticalização*” (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 333; grifo acrescido)¹¹.

Nessa mesma direção, Nevalainen e Palander-Collin (2011) argumentam que um processo de gramaticalização não difere de outros tipos de mudança linguística em termos de avaliação e encaixamento social, e que pode ser descrito à luz do arcabouço sociolinguístico, seja em tempo real, seja em tempo aparente (com base em diferentes faixas etárias), contemplando a difusão de formas em gramaticalização na comunidade e/ou ao longo do tempo. Nesse sentido, a gramaticalização não ocorre se as motivações pragmáticas que levam a padrões de reanálise e analogia em nível individual não se espalharem para a coletividade.

O que motiva o espalhamento de uma mudança? Entre as condições sociolinguísticas para a gramaticalização, o que se destaca nos estudos é a estratificação social do falante em perspectiva sincrônica de tempo aparente, notadamente a faixa etária. Androutsopoulos (1999) sugere a faixa etária jovem como campo promissor para pesquisa sobre gramaticalização em andamento, e exemplifica com o uso de marcadores discursivos e gírias, itens sujeitos à gramaticalização sob certas *pressões semântico-pragmáticas e sociolinguísticas*. Com base em Kotsinas (1997), o autor considera que o espraiamento de mudanças em andamento depende de *valores sociosimbólicos*, no sentido de que o novo uso indexicaliza marca de identidade de um grupo. (GÖRSKI et al., 2003). Traugott (2001) também chama a atenção para a relação entre diferentes papéis gramaticais desempenhados por um item e funções socialmente simbólicas ou estilísticas correlacionadas. Nesse sentido, podemos indagar: *Em que medida o significado social pode interferir na gramaticalização?*

Como já pontuado, a flexibilidade e a rigidez que caracterizam a gramática do ponto de vista funcional (num balanceamento constante entre

¹⁰ A expressão é inspirada em Nevalainen e Palander-Collin (2011). As autoras falam em “dinâmica social da gramaticalização”, considerando a *difusão* da mudança. Nosso foco de interesse é o *significado social* envolvido tanto na *inovação* como na *difusão*.

¹¹ No original: “sociolinguistic conditions of grammaticalization”.

formas e funções) também estão presentes nos significados sociais que, embora sejam dinâmicos e fluidos, podem se converter em hábitos pela recorrência de uso. Essa estabilidade, no entanto, não é permanente, já que dependente da agência dos sujeitos nas práticas discursivas, os quais podem ressignificar usos já estabelecidos. Logo, podemos considerar que *movimentos de gramaticalização* como expansão também são sensíveis ao *papel agentivo dos sujeitos* e ao *significado social* negociado nas práticas discursivas.

Se na perspectiva funcionalista de gramaticalização a mudança é vista como resultado de interação estratégica, isto é, de tomadas de decisão negociadas entre os interlocutores, envolvendo inovação no indivíduo e difusão na comunidade (TRAUGOTT, 2002) – diferentemente da sociolinguística, que atrela a mudança apenas à difusão –, também é pertinente considerar que *na gramaticalização a dimensão social não se restringe à difusão, mas está presente também na inovação*, uma vez que esta é produzida em práticas discursivas para fins sociais específicos. Nesse sentido, o indivíduo do binômio indivíduo/comunidade também integra o social. Além disso, se estamos considerando o papel do indivíduo e do significado social na gramaticalização, é possível admitir que movimentos de gramaticalização podem se circunscrever a certos grupos sociais, ou a determinadas áreas geográficas, não precisando necessariamente atingir uma dada língua como um todo. O processo visto como *gramaticalização em andamento* permite essa perspectivização.

Na sequência, exploramos a relação entre significados sociais multicamadas e gramaticalização, considerando dois momentos de atuação das forças sociais no processo de mudança: (i) o *momento da inovação*, em que forças motrizes relacionadas a agrupamentos e lutas sociais podem dar origem a formas/usos inovadores com atuações, para além das referenciais ou gramaticais, também sociossimbólicas; (ii) o *momento da difusão*, em que a mudança é propagada e ganha força por conta de aspectos sociais. Esses momentos estão imbricados com as seguintes questões, que orientam as discussões: (i) Quem é o indivíduo que inova e por que inova? e (ii) Que forças sociais e relacionadas à comunicação interpessoal são responsáveis pelo espraiamento da mudança?

4.1 O papel dos jovens na emergência de novos usos

Em geral, os trabalhos sobre gramaticalização com foco no contexto comunicativo imediato têm tomado o indivíduo desconstituído de toda a sua complexidade, ele é apenas o falante que inova. Mas quem é esse falante e por que inova? Na esteira dos argumentos expostos ao longo do texto, não só salientamos a importância de se considerarem aspectos identitários/ideológicos que constituem esse indivíduo situado sócio-historicamente, mas também apostamos que os jovens podem ter papel de destaque dentre os indivíduos que inovam, uma vez que eles são ao “mais

sensíveis à *identidade social, status, estilo e mudança linguística*” (p. 333; grifo acrescido)¹² (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 333; grifo acrescido). Mas, se assim é, de que jovens estamos falando?

A questão toca em um dos desafios para uma abordagem sociofuncionalista nos tempos atuais: considerar as novas agendas da Sociolinguística, em diálogo mais estreito com a Sociologia e as Ciências Sociais, substituindo a noção de mudança linguística por *mudança sociolinguística*, como sugere Coupland (2016). É necessário, portanto, considerar o que vem mudando na língua, mas também o que tem mudado na vida social e como essas estruturas se impactam mutuamente.

Os jovens, que lidavam com marcadores de sexo/gênero e classe mais estáveis na década de 1970, têm vivido mudanças expressivas nos tempos atuais por conta: (i) das novas formas de trabalho; (ii) das novas dinâmicas de mobilidade, não somente demográfica e espacial, mas também a mobilidade global de práticas econômicas, normas culturais, estilos de vida e valores (*superdiversidade*); (iii) das novas mídias, das trocas mediadas eletronicamente e da midiaticização da diferenciação sociolinguística (COUPLAND, 2016).

Mais agentivos e menos submetidos a estruturas socioculturais como religião, tradição, moralidade, família, classe, nação, por exemplo, os indivíduos da pós-modernidade situam-se na dialética entre estrutura e agência (BELL, 2016). Nesse sentido, movimentos coletivos, tais como os Novos Movimentos Sociais, emergem liderados pela população juvenil, colocando no centro de suas agendas “aspectos voltados à vida pessoal (sexualidade, etnia, ecologia)” (VANDENBERGHE, 2014, p. 306). Tais movimentos

estão preocupados com a democratização das estruturas da vida cotidiana ou privilegiam as formas expressivas de comunicação e a defesa da integridade do mundo da vida. Por este caminho, eles objetivam produzir mudança social através da mudança de valores, desenvolvendo, portanto, novos estilos de vida e mudando as identidades dos papéis sociais (VANDENBERGHE, 2014, p. 306).

Vários marcadores discursivos, por exemplo, emergem entre jovens e estão associados a aspectos identitários/ideológicos, como é o caso de *dude* e *güey*, no inglês, analisados respectivamente por Kiesling (2004) e Bucholtz (2009). *Dude* (‘cara’) era inicialmente um vocativo usado entre afro-americanos que mais tarde é apropriado por homens jovens brancos americanos em uma postura de camaradagem não muito calorosa, sinalizando “postura de solidariedade fria”, o que é importante para sedimentar um discurso de masculinidade jovem, que simultaneamente exige “solidariedade masculina,

¹² No original: “it was adolescents who [...] are most sensitive to social identity, status, style, and linguistic change”

heterossexualidade estrita e não conformidade”¹³ (KIESLING, 2004, p. 282). Tal significado indexical do termo na esfera social teria derivado das múltiplas funções interacionais de *dude*: marcador de organização textual, exclamação, atenuador de confronto, marcador de afiliação e conexão e marcador de concordância.

Com significado e usos semelhantes ao anterior, *güey* (‘cara’) desempenha várias funções discursivas, tais como: vocativo, termo de referência insultoso ou não, marcador discursivo de ênfase ou foco. Além disso, Bucholtz aponta que, na interação, o uso multifuncional de *güey* entre jovens imigrantes mexicanos nos Estados Unidos não está somente associado a um comportamento de sexo/gênero ou à construção de uma identidade masculina, como outros trabalhos afirmaram. Associado a outros recursos semióticos como prosódia, gestos, postura, vestuário, interesse por certos tópicos discursivos e por certos bens de consumo (como celulares e câmeras), *güey* é usado pelos jovens mexicanos para “estabelecer status e solidariedade em relação ao seu grupo social”¹⁴ (BUCHOLTZ, 2009, p. 165).

Carranza (2012) relaciona o uso de certos MDs a determinados grupos de falantes argentinos, sendo que, dentre eles, *¿sí?* (em posição final) estaria associado a jovens e *nada* também estaria ligado a uma identidade jovem, atualizada e despreocupada de grandes cidades argentinas. Para a autora, “a associação regular de um marcador com certa tarefa discursiva e certo alinhamento em relação ao destinatário, que são típicos de um papel ou de uma identidade social, eventualmente transforma o marcador em um índice que evoca esse papel ou identidade”¹⁵ (p. 32). Como índice¹⁶, tal marcador, combinado com outros recursos (linguísticos ou não linguísticos) pode tornar-se responsável por evocar indiretamente aspectos da identidade do falante e de sua relação com seus interlocutores que estão além do momento de interação (ideológicos, por exemplo), ou seja, que vão além das camadas de significado social que se estabelecem no momento de interlocução.

Bentes e Mariano (2013), analisando momentos de fala do *rapper* Mano Brown, e seus colegas Ferréz e MC Ylsão, identificam o uso de marcadores de interação como *morô?*, *firmeza?*, *tá ligado?*, sendo este último o mais frequente. Associado a aspectos identitários e também estilísticos, *tá ligado?* é o MD mais usado em contextos informais como é o caso de uma discussão entre os amigos, em que Mano Brown se apresenta mais relaxado.

¹³ No original: “stance of cool solidarity”... “masculine solidarity, strict heterosexuality, and nonconformity”

¹⁴ No original: “[...] to establish both status and solidarity in relation to their social group”.

¹⁵ “[...] la asociación regular de un marcador con cierta tarea discursiva y cierto alineamiento respecto del destinatario, que son típicos de un rol o una identidad social, eventualmente transforma al marcador en un índice que evoca ese rol o identidad.”

¹⁶ Para tomar os MDs como índices de identidade, Carranza (2012) se pauta no conceito de “índices de contextualização” (GUMPERZ, 1982), segundo o qual certos recursos gramaticais, lexicais, prosódicos, estilísticos, gestuais etc. podem evocar contextos que fazem com que o texto interacional seja interpretado de uma determinada maneira.

Outro aspecto relevante em relação a esse MD é a observação das autoras sobre as diferenças de uso entre os três *rappers* (Brown e seus colegas Ferréz e MC Ylsão): o uso de *tá ligado?* é muito frequente entre os dois *rappers* expostos à mídia (Mano e Ferréz) e parece ter forte marcação identitária entre eles, mas não é usado por MC Ylsão (menos exposto à mídia). Para explicar tal comportamento, as autoras levantam a hipótese de que “embora iconizado por figuras públicas, o MD *tá ligado?* não seria tão usado por aqueles membros do grupo social que ele supostamente indicia” (p. 156), ou seja, moradores das periferias urbanas paulistanas.

Acreditamos, portanto, que uma das pautas a ser explorada no componente social dos estudos sociofuncionalistas é a ideia de que, se tomamos a juventude como potencial responsável por novos usos que podem acionar processos de gramaticalização, importa considerar que o modo como esses jovens se colocam no mundo e as bandeiras que carregam podem funcionar como forças motrizes para a mudança. Interessa entender que novos usos emergem e frutificam dentro dessa faixa etária, mobilizados por aspectos identitários/ideológicos e por conta do reforço do lugar da agência.

4.2 O papel da comunicação mediada e das práticas midiáticas na emergência e espraio de novos usos

Voltando o olhar também para a difusão, é importante tratar das forças sociais e relacionadas à comunicação interpessoal que são responsáveis pelo espraio de usos inovadores. Em geral, quando nos referimos a generalização e rotinização de novos usos para itens em processo de gramaticalização, o escopo costuma ser amplo, pensado em termos de macrocomunidades e, frequentemente, em termos de mudanças que afetam uma língua como um todo. No entanto, o que propomos como novo desafio para a interface sociofuncionalista é considerar, sob o escopo do que chamamos de *movimento para a gramaticalização*, a questão do significado social (em sua fluidez) e assumir que a mudança pode ocorrer de modo mais efêmero dentro de comunidades de prática, impulsionada, por exemplo, pelas novas mídias digitais e por novas formas de comunicação mediadas pela tecnologia.

A Sociolinguística atualmente precisa lidar com a expansão de seu objeto de estudo para além da língua falada em comunicação face a face e da escrita impressa regular, considerando (i) a ascensão da linguagem digitalmente mediada e (ii) as práticas midiáticas de linguagem (ANDROUTSOPOULOS, 2016). Numa abordagem sociofuncionalista cabe questionar também *se e como* essas novas formas de comunicação impactam a emergência e a difusão de novos usos via processo de gramaticalização.

A *linguagem digitalmente mediada* (por aplicativos de mensagens) revela muito mais do que a representação da variabilidade da fala na escrita, expandindo os limites da heterogeneidade linguística. O que temos visto, conforme defende Androutsopoulos (2016), é que a escrita não regulamentada

tem ganhado mais espaço, enfrentando os dispositivos normativistas. Além disso, a repetição de letras e símbolos de pontuação e até mesmo o diálogo via emojis, imagens e figurinhas estabelecem novas possibilidades de escrita complexas que podem ser socialmente significativas, deslocando o eixo do fonocentrismo para o grafocentrismo e entendendo-se que a escrita nesses novos meios também pode ser *locus* de emergência e espraiamento de novos usos. Ademais, a noção de redes sociais se expande para o espaço das redes virtuais de contatos, o que leva a uma ampliação do conceito de comunidade, menos vinculada a limites geográficos e físicos e mais ligada à noção de agrupamentos mobilizados por forças ideológicas confluentes, como é o caso também das comunidades de práticas virtuais, que são comunidades de práticas não prototípicas (DAVIES, 2005).

Um exemplo de um novo uso na linguagem digitalmente mediada seria a sinalização gráfica de inclusão de gênero no alemão que, se no passado era marcada pelo masculino genérico, passa a ser marcada, por usuários de redes digitais, pela repetição do substantivo masculino e feminino com indicador de separação para o morfema final *mitarbeiter/innen* [/] ('colegas de trabalho' ms. e fm.) ou *mitarbeiter_innen* [_], com o próprio elemento de separação [_] assumindo status de ícone para marcação de gênero predominante (ANDROUTSOPOULOS, 2016). Algo semelhante ocorre em português com o uso de @ e x em trocas de e-mails e redes sociais para indicar marcação de gênero neutro (como em alun@s e alunxs), embora mais recentemente as formas venham sendo rejeitadas por alguns grupos de usuários por não serem compreendidas por leitores automáticos de texto, o que promoveria a exclusão de pessoas cegas ou de baixa visão. Tal movimento sinaliza para a efemeridade de certos usos que rapidamente adquirem significado social por conta de forças ideológicas, mas que podem também rapidamente perecer.

Kelly-Homes (2016) argumenta que o contato com os meios digitais promove uma sensibilidade para as sutilezas da variabilidade gráfica, o que leva Androutsopoulos (2016, p. 293) a defender a ideia de que esta sociolinguística que considera a escrita em rede exige “uma estrutura que conceitua a linguagem visível como um nível distinto de prática estilística na via da terceira onda”¹⁷. Na esteira dessas ideias, somos levadas a considerar que os meios digitais podem ser *locus* importante para a emergência de novos usos de estrutura híbrida linguístico-simbólica para marcar posturas ideológicas ou a expressividade do momento de escrita, o que poderia ser compartilhado entre os sujeitos em diálogo e espraiado/viralizado para um grupo de indivíduos ou, de modo mais geral, para os usuários desse tipo de mediação digital. Nesse caso, teríamos que lidar com a questão de se mudanças via gramaticalização, para além de envolverem alterações de forma como redução, poderiam envolver outros recursos simbólicos típicos das redes digitais.

¹⁷ No original: “[...] a framework that conceptualizes visible language as a distinct level of stylistic practice in a third-wave sense.”

As *práticas midiaticizadas de linguagem* dizem respeito a “como as mudanças na mídia promovem mudanças na comunicação humana, nas práticas culturais e nas formações sociais”¹⁸ (ANDROUTSOPOULOS, 2016, p. 294). Blogs, páginas, perfis nas diferentes mídias são usados para construir uma identidade regional ou de grupo a partir de vários recursos semióticos, incluindo a linguagem. Tipos sociais em performances encenadas estabelecem novos usos que viralizam entre seu público e, replicados, movimentam mudanças.

Amaral (2020) analisa a emergência e expansão de novos usos de {-ste} (incluindo alterações fonético-fonológicas) – marca morfológica de concordância de segunda pessoa que dá origem a usos inovadores como *amava te veRTES no bbbeSTES* –, em que o segmento se agrega a bases não canônicas com função sociossimbólica de aderência a uma comunidade de prática online, a página “Tal Qual Dublagens”, criada pelo humorista manauara Gustavo Libório. O uso inovador surge nos posts de Gustavo que, incorporando a personagem “Titia Tal Qual”, apresenta em sua linguagem traços e expressões locais típicos amazonenses e também expressões do universo LGBT e do dialeto pajubá. Tal uso se espalha entre os seguidores da página que o replicam em comentários dos posts e expandem o uso para diferentes contextos, associando à forma diferentes camadas de significados sociossimbólicos de regionalidade e pertencimento àquela comunidade de práticas composta majoritariamente por indivíduos do Amazonas ou do Pará, de homens gays e mulheres heterossexuais em contato com o universo gay.

Outro exemplo do papel das práticas midiaticizadas de linguagem é o uso de *tendessi?* na página “Os manezinho pira”, que promove a cultura local dos nativos de Florianópolis/SC e região. O foco da análise de Valle (2014) estava no uso de marcadores discursivos interacionais derivados de verbos de cognição (*sabe? entendesse? tá entendendo?*, dentre outros) na fala de indivíduos nativos florianopolitanos, como em *Não, o peixe não tá sumindo, SABES? é época, né?*. Contudo, é interessante perceber que especificamente o item *tendessi?* – forma reduzida de *entendesse?* que é comumente usada na região – é tomado na página como uma das principais marcas de identidade local e é repetidamente usado nos posts e replicado nos comentários para assinalar *aderência/pertencimento a grupo local* (dos manezinhos da Ilha). Nesse sentido, as práticas midiaticizadas, por conta de forças motrizes sociais locais, acabam expandindo o uso do item em processo de gramaticalização, antes apenas restrito à fala, para a modalidade escrita, ainda que nos posts a proposta seja representar a oralidade.

Nesses casos, as práticas midiaticizadas envolvem o desenvolvimento e a propagação de novas formas e usos acionados por forças motrizes sociais/ideológicas, sendo que as formas em gramaticalização ainda carregam consigo significados sociossimbólicos relacionados às lutas nas quais os

¹⁸ No original: “[...] how changes em media bring about changes in human communication, cultural practices, and social formations.”

grupos se envolvem. Squires (2014), contudo, chama a atenção para o que chama de “esmaecimento indexical” (*indexical bleaching*), “quando uma forma retém seu significado semântico e força pragmática, mas perde seu significado social”¹⁹ (p. 43), não sendo mais possível recuperar a mediação de origem. A pesquisadora distingue três momentos relacionados à incorporação de usos de falantes icônicos (potenciais influenciadores) via práticas midiáticas: (i) a adoção, quando o público capta diretamente construções/fragmentos midiáticos; (ii) a circulação, que consiste na propagação dos usos entre novos usuários consumidores de mídias; (iii) a difusão, momento de disseminação para novos usuários que são ou não consumidores de mídias. A compreensão de como usos midiáticos se relacionam com esses três momentos pode lançar luz para o espalhamento da mudança, já que o esmaecimento indexical seria condição facilitadora para a difusão. Squires (2014) sugere que traços de um dialeto poderiam ser tomados como marca saliente de fala local e usados de forma estereotipada em performances midiáticas, sendo depois adotados e incorporados entre os usuários das mídias a fim de demonstrar alinhamento com o estilo ou conteúdo da fonte de mídia.

5 Fechando (mas não concluindo) a discussão

Entendemos que explorar a dimensão social é um dos desafios para uma abordagem sociofuncionalista diante de mudanças de perspectiva nas duas áreas que compõem a interface. Traugott (2001) já chamava a atenção, nesse sentido, para a relação entre diferentes papéis gramaticais desempenhados por um item e funções socialmente simbólicas ou estilísticas correlacionadas, e sinalizava que a possibilidade de usar uma construção gramaticalizada para a marcação da identidade social não tem recebido atenção de pesquisadores.

Articulando as ideias apresentadas ao longo do texto, podemos estender o componente sociolinguístico da gramaticalização conforme descrito por Heine e Kuteva (2007), de modo a contemplar não simplesmente a difusão de um uso entre os falantes, mas as condições sociolinguísticas da inovação e da difusão, entre as quais se insere a dimensão sociolinguística da significação, que envolve valores sociossimbólicos e identitários. Desse modo, no escopo de movimentos para a gramaticalização, usos inovadores podem passar a ser vistos associados não só a expansões contextuais de novos significados semântico-pragmáticos, mas também de novos significados sociais.

Como desdobramento, além de explorar em que medida o significado social pode interferir na gramaticalização, seria instigante também observar em

¹⁹ No original: “[...] whereby a feature retains its semantic meaning and pragmatic force but loses its social meaning”.

que medida movimentos de gramaticalização podem promover mudanças na sociedade. Se, por um lado, mudanças intencionais em determinada estrutura podem se dar não por motivações linguísticas, mas por motivações sociais, sendo o significado social tomado como força motriz da mudança, por outro lado, cabe avaliar em que medida falantes atuam sobre a língua movidos por questões sociais/ideológicas, visando promover mudanças na sociedade via língua. Nesse caso, o social estaria presente, dialeticamente, nas duas pontas, não apenas como força motriz para a emergência e espraiamento de usos inovadores, mas também como mudança de comportamento social.

REFERÊNCIAS

AMARAL, K. **Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE}** na página Tal Qual Dublagens. 2020, 255 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ANDROUTSOPOULOS, J. K. Grammaticalization in young people's language: The case of German. **Belgian Journal of Linguistics**, v. 13, n. 1, p. 155-176, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1075/bjl.13.09and>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ANDROUTSOPOULOS, J. K. Theorizing media, mediation and mediatization. In: COUPLAND, N. (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**. New York: Cambridge University Press, 2016, p. 282-302.

BELL, A. Succeeding waves: Seeking sociolinguistics theory for the twenty-first century. In: COUPLAND, N. (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**, New York: Cambridge University Press, 2016, p. 391-416.

BENTES, A. C.; MARIANO, R. D. A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista? In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X:FAPERJ, 2013, p. 147-161.

BUCHOLTZ, M. From stance to style: gender, interaction, and indexicality in mexican immigrant youth slang. In: Jaffe, A (Ed.). **Stance: Sociolinguistic perspectives**. New York: Oxford University Press, 2009, p. 146-170.

BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente**. 2017. 696 fl. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 602-623.

BYBEE, J. L. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n. 4, 711-733, 2006.

CARRANZA, I. E. La indicidad en la interacción y el contraste entre perspectivas teóricas sobre marcadores discursivos. In: NEGRONI, M. M. G. (Ed.) **Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2012. p. 24-34. E-BOOK.

COUPLAND, N. Five Ms for sociolinguistic change. In: COUPLAND, N. (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**, New York: Cambridge University Press, 2016, p. 433-451.

DAVIES, B. Communities of practice: Legitimacy not choice. **Journal of Sociolinguistics**, v. 9, n. 4, p. 557-581, 2005.

ECKERT, P. Communities of practice. In: BROWN, K. (Ed.), 2 ed. **Encyclopedia of language and linguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 683-685. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/eckert2006.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>. Acesso em: 15 out. 2019.

ECKERT, P. **Third wave variationism**, pp. 1-16, 2016. Oxford University Press. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 15 out. 2019.

ECKERT, P. **Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ECKERT, P. The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority. **Language**, v. 95, n. 4, p. 751-776, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lan.2019.0072>. Acesso em: 20 out. 2020.

FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. 2007, 238 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction, v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. **English grammar: a function-based introduction**, v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1993.

GIVÓN, T. **Syntax** – an introduction. v.1. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Bio-Linguistics**. The Santa Barbara Lectures. Philadelphia: John Benjamins, 2002.

GIVÓN, T. **On understanding grammar** (revised edition). Philadelphia: John Benjamins, 2018.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M.; ROST, C. A.; TAVARES, M. A. Mudança em fenômenos discursivos via variação e gramaticalização: o papel dos fatores sociais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.32, p.1-5, 2003.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.) **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014, p. 67-92.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Orgs.) **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola. 2017, p. 35-63.

GÖRSKI, E. M. Espectro funcional de *bem* e *bom* no português falado: instâncias de gramaticalização. **Revista da ABRALIN**. v. 19, n. 3, p. 131-158, 2020. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/issue/view/83>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A dimensão interpessoal da linguagem na variação e na gramaticalização. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. 2, p. 1-28, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/247412/37395>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M.; AMARAL, K. O. Por uma noção de domínio sociofuncional. (inédito)

GÖRSKI, E. M.; MARTINS, M. A. Questões teórico-metodológicas da sociolinguística em interface com o gerativismo e o funcionalismo linguísticos e o ensino de língua portuguesa. In: VIEIRA, M. dos S. M.; WIEDEMER, M. L. (Orgs.). Dossiê **Grupo de Trabalho de Sociolinguística da ANPOLL, 35 anos depois**: reflexões e cenários. (a sair)

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **II Congresso internacional da Abralin**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar**: a reconstruction. New York: Oxford University Press, 2007.

HEINE, B. On discourse markers: grammaticalization, pragmaticalization, or something else? **Linguistics**, v. 51, n. 6, p. 1205-1247, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling-2013-0048>.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N.; WIEMER, B. (Eds.). **What makes grammaticalization?** A look from its fringes and its components. Berlin: De Gruyter Mouton, 2004. p. 19-40.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**: focus on theoretical and methodological issues. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 7-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KELLY-HOMES, H. Theorising the market in sociolinguistics. In: COUPLAND, N. (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**, p. 157-172. New York: Cambridge University Press.

KIESLING, S. F. Dude. **American Speech**, v. 79, n. 3, p. 281-305, 2004.

KIESLING, S. F. Constructing identity. In: CHAMBERS, J.; SCHILLING, N. (Eds.) **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Oxford, U.K.: Blackwell. 2013, p. 448-467.

KOTSINAS, U-B. Young people's language. Norm, variation and language change. **Stockholm Studies in Modern Philology** N.S. 11, p. 109-132, 1997.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003 [1969], p. 234-250.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: Cultural and cognitive factors. v. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

NARO, A.; VOTRE, Sebastião J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 285-290, 1992. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45949>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, Niterói, v. 9, p. 125-134, 2000.

NEVALAINEN, T.; PALANDER-COLLIN, M. Grammaticalization and sociolinguistics. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 118-129.

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 209-224.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**. University of Chicago, v. 23, p. 193-229, 2003. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0271530903000132>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SQUIRES, L. From TV personality to fans and beyond: Indexical bleaching and the diffusion of a media innovation. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 24, n. 1, p. 42-62, 2014.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999, 173 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003, 286 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270

TORRES CACOULOS, R. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, M. (Ed.). **The handbook of Hispanic sociolinguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, p. 148-167.

TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 127-138.

TRAUGOTT, E. C. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (Eds.). **Studying the History of the English Language: Millennial perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002, p. 19-49.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (Eds.). **Continuum companion to historical linguistics**. London: Continuum International Publishing Group, 2010, p. 269-283.

VALLE, C. R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição**. 2014. 415 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VANDENBERGHE, F. Globalização e individualização na modernidade tardia. Uma introdução teórica à sociologia da juventude. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 19, n. 1, p. 265-316, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em 2 de agosto de 2021

Aceito em 21 de outubro de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Edair Maria Görski é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua nas áreas de Teoria Linguística e Sociolinguística e Dialectologia, com interesse em gramaticalização, variação e mudança linguística, significado social e estilístico.

E-mail: edagorski@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0797-1243>

Carla Regina Martins Valle é doutora e pós doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando na área de Sociolinguística e Dialectologia, interessada em pesquisas sobre marcadores discursivos, variação estilística, identidade linguística, gramaticalização e ensino.

E-mail: carla.valle@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1854-915X>